

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS DO PONTAL**

MARA FERREIRA SILVA SANTOS

**A TRANSIÇÃO DA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA O ENSINO FUNDAMENTAL:
A INFÂNCIA E SEUS DESAFIOS NUMA ESCOLA MUNICIPAL
DE ITUIUTABA – MG**

ITUIUTABA - MG

2019

MARA FERREIRA SILVA SANTOS

**A TRANSIÇÃO DA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA O ENSINO FUNDAMENTAL:
A INFÂNCIA E SEUS DESAFIOS NUMA ESCOLA MUNICIPAL
DE ITUIUTABA – MG**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Ciências Humanas do Pontal da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito para a obtenção do Título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Vânia Aparecida
Martins Bernardes

ITUIUTABA - MG

2019

MARA FERREIRA SILVA SANTOS

A TRANSIÇÃO DA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA O ENSINO FUNDAMENTAL:
A INFÂNCIA E SEUS DESAFIOS NUMA ESCOLA MUNICIPAL
DE ITUIUTABA – MG

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Ciências Humanas do Pontal da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito necessários para a obtenção do Título de Licenciatura em Pedagogia. Sob a orientação da Profª. Dra. Vânia Aparecida Martins Bernardes.

Ituiutaba (MG), 05 de Julho de 2019.

Profª. Dra. Vânia Aparecida Martins Bernardes UFU/ICH-PO
Presidente da banca – Orientadora

Profª. Dra. Betânia de Oliveira Laterza Ribeiro – UFU/ICH-PO

Profª. Ms. Helenice Christina Lima Silva – PREF. MUNICIPAL DE UBERLÂNDIA-MG

AGRADECIMENTOS

A Deus pela oportunidade de chegar onde cheguei. Apesar do cansaço, dos obstáculos, a tua benção esteve sobre mim durante todo esse percurso.

Aos meus pais, Arnaldo Ferreira (*in memoriam*) e Elizena de Oliveira, que, com amor, são exemplos de honestidade, caráter, respeito, força e coragem e me inspiraram durante toda a minha vida

Ao meu esposo Odeemes Braz, aos meus filhos Leonardo Henrique e Odeemes Júnior, que com muito carinho e apoio, não mediram esforços para que eu chegasse a essa etapa da minha vida. Sei que acompanham esse momento com alegria e orgulho.

À minha irmã Stela Márcia, por toda a atenção, disponibilidade e companheirismo.

Às minhas amigas Cecília, Regina, Daniela, Fernanda, Marina, Palloma e Yara, que dividiram comigo parte do seu tempo, anseios, esperanças e também companheirismo e apoio constantes durante toda essa jornada:

À minha orientadora, professora Dra. Vânia Aparecida Martins Bernardes, por aceitar com carinho o convite. Obrigada pela paciência e incentivo nas orientações que tornaram possível concretizar este sonho e poder finalizar esse trabalho de conclusão de curso.

Agradeço a banca avaliadora deste trabalho composta pelas professoras Dra. Betânia de Oliveira Laterza Ribeiro e Ms. Helenice Christina Lima Silva, pela disponibilidade, atenção e cuidado com que avaliaram meu trabalho e pelas valiosas contribuições.

Aos professores do curso, pelo convívio, compreensão, amizade e aos conhecimentos compartilhados.

E a todas e todos que fizeram parte dessa caminhada e contribuíram de alguma forma, meus mais sinceros agradecimentos.

SANTOS, Mara Ferreira Silva. *A Transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental: a infância e seus desafios numa escola municipal de Ituiutaba – MG*. 2019. 31ff. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Pedagogia) – Instituto de Ciências Humanas do Pontal da Universidade Federal de Uberlândia, 2019.

RESUMO

A presente pesquisa é resultado de trabalho de conclusão de curso, do Curso de Pedagogia do Instituto de Ciências Humanas do Pontal (ICH-PO), Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Apresenta abordagens sobre a transição das crianças da Educação Infantil para o 1º ano do Ensino Fundamental, trazendo como discussão sua relevância na infância, tendo como aporte os documentos oficiais que referenciam a criança em seu espaço/tempo como possibilidade de serem crianças e seu desenvolvimento em relação às suas competências e habilidades. É um estudo que traz autores que pesquisam a criança, sua infância e o lúdico, como Kramer (1999), Sarmento (2005) e Kishimoto (2011). A partir das análises desses referenciais teóricos, procurou-se: verificar o contexto da Educação Infantil e o Ensino Fundamental no processo ensino aprendizagem da criança e sua infância e compreender como se dá a transição da criança na Educação Infantil, a partir dos registros do Diário de Campo realizados no Estágio Supervisionado do Ensino Fundamental. Também buscou responder vários questionamentos que surgiram durante as observações e registros do estágio, dentre estes destaca-se os seguintes: O mobiliário da escola está adaptado à faixa etária das crianças? Tem contemplado atividades lúdicas livres em alguns momentos? O Ensino Fundamental pode gerar perda significativa da infância? Tendo como objetivo, compreender como se dá a transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental, contemplando a infância e seus desafios. Os resultados da pesquisa apontam que desde a Educação Infantil ainda se faz necessário muitas mudanças, mas compreende-se que, quando é terminado este ciclo e inicia-se o Ensino Fundamental, e com ele novos desafios.

Palavras-Chave: Infância. Transição. Diário de campo

SANTOS, Mara Ferreira Silva. *The transition from Early Childhood to Elementary School: childhood and its challenges in a municipal school in Ituiutaba-MG*. 2019. 31ff. Completion of course work (Licenciatura in Pedagogy) - Institut of Human Sciences of the Pontal of the Federal University of Uberlândia, 2019.

ABSTRACT

The present research is a result of the conclusion of a course in Pedagogy of the Pontal Institute of Human Sciences (ICH-PO), Federal University of Uberlândia (UFU). It presents approaches on the transition of children from Early Childhood Education to the first year of Elementary School, bringing as a discussion their relevance in childhood, with the contribution of official documents that refer children in their space / time as a possibility to be children and their development in competencies and skills. It is a study that brings authors who research the child, his childhood and the ludic, like Kramer (1999), Sarmiento (2005) and Kishimoto (2011). Based on the analysis of these theoretical references, we sought to: verify the context of Early Childhood Education and Elementary Teaching in the teaching process of children and their childhood and understand how the transition of children in Early Childhood Education takes place, from the Diary field studies carried out in the Supervised Internship of Elementary School. It also sought to answer several questions that arose during the observations and records of the internship, among which the following stand out: Is the school furniture adapted to the children's age range? E Contemplated free play activities in a few moments? In Elementary Education can generate significant loss of childhood? With the objective of understanding the transition from early Childhood Education to Elementary School, contemplating childhood and its challenges. The results of the research point out that since early Childhood Education many changes are still necessary, but it is understood that when this cycle is finished and Fundamental Education begins, and with him, the greatest challenges are initiated .

Keywords: Childhood. Transition. Field journal

LISTA DE SIGLAS

ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
EJA	Educação de Jovens e Adultos
ICH-PO	Instituto de Ciências Humanas do Pontal
LDBEN	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC	Ministério da Educação
UFU	Universidade Federal de Uberlândia

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. INFÂNCIA E EDUCAÇÃO	12
2. TRANSIÇÃO DAS CRIANÇAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA O ENSINO FUNDAMENTAL.....	17
3. OBSERVAÇÕES A PARTIR DO DIÁRIO DE CAMPO	21
3.1. Estrutura Física da escola e da sala de aula.....	21
3.2. A rotina dentro da escola e na sala de aula	23
3.3. Iniciando o Ensino Fundamental	24
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	27
REFERÊNCIAS	29

INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta um estudo sobre a transição dos alunos da Educação Infantil para o Ensino Fundamental, a partir de registros do diário de campo. Esta pesquisa surgiu a partir das discussões realizadas pelos estudos na disciplina de Currículo na Educação Infantil e das observações e vivências realizadas durante o Estágio Supervisionado do Ensino Fundamental I do curso de Pedagogia do Instituto de Ciências Humanas do Pontal (ICH-PO) Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

Entende-se que, estágio é um momento fundamental na formação do profissional docente, pois permite o primeiro contato com os desafios da prática e da realidade educacional, permitindo assim, fazer diversas observações que vão articular entre a teoria e prática, dando suporte para o trabalho docente posteriormente.

A escolha em estudar esta temática em particular, surgiu a partir das observações nos estágios realizados no curso de Pedagogia, o qual despertou o interesse em atentar sobre a transição dos alunos da Educação Infantil para o Ensino Fundamental. Com seis anos de idade, quando as crianças passam para o Ensino Fundamental, é uma fase em que elas se encontram em processo acelerado de mudança, onde deveria prevalecer o lúdico, o brincar. Delimitamos esta pesquisa com crianças de 4 a 5 anos de idade (Educação Infantil) e crianças com 6 anos (Primeiro ano do Ensino Fundamental).

Observou-se que, na mudança da Educação Infantil para o primeiro ano do Ensino Fundamental, as crianças podem apresentar-se de forma imatura para atender aos processos de alfabetização e letramento, de maneira coerente e satisfatória. Dessa forma, buscou entender como a escola está se organizando para proporcionar esta aprendizagem sem grandes impactos e rupturas das atividades lúdicas.

Pretende-se responder com esta pesquisa vários questionamentos que surgiram durante as observações e registros do estágio, dentre estes destacam-se os seguintes: O mobiliário da escola está adaptado à faixa etária das crianças? Tem contemplado atividades lúdicas livres em alguns momentos? O Ensino Fundamental pode gerar perda significativa das atividades próprias da infância?

As repostas a essas questões serão muito importante para compreender como está sendo realizada a transição dos alunos e também uma melhor compreensão sobre o contexto educacional relacionada às práticas dos professores com atividades próprias para a faixa etária das crianças, nessa escola observada.

Diante dos objetivos que o estudo se propôs a alcançar e desvendar tais problemáticas, optou-se em realizar uma pesquisa descritiva, bibliográfica e de abordagem qualitativa.

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas Ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes. (MINAYO, 2007, p. 21).

A pesquisa qualitativa também tem como principal característica trabalhar com questões básicas relacionada a realidade humana, que permite através de interação com sujeitos, estudar os valores, concepções, atitudes. Características que irão ajudar a analisar os registros do diário de campo juntamente com os referenciais teóricos.

Ressalta-se, a pesquisa está inserida no diário de campo, através dos registros feitos durante o estágio supervisionado, numa escola pública do município de Ituiutaba – MG. A escola está situada na região central da cidade, numa parte antiga e tradicional do bairro, de classe média. Em seu entorno há diversos estabelecimentos comerciais como lojas de roupa, salões de beleza, padarias, lojas agropecuárias e outros tipos. Em relação ao seu funcionamento, ela atende em dois turnos, matutino e vespertino, contemplando a Educação Infantil (4 e 5 anos) ao 5º ano do Ensino Fundamental. Possui 17 salas de aula por turno e cada sala tem de 25 a 29 alunos. A escola possui um alunado superior a 800 alunos que estudam nessa instituição.

O primeiro estágio se deu na Educação Infantil no primeiro semestre de 2018, nas salas de 4 e 5 anos, no período matutino e vespertino e depois no segundo semestre, nas salas de 1º Ano do Ensino Fundamental. Há na escola observada, apenas uma sala de 4 anos no turno vespertino que atende 23 crianças e 4 salas com crianças na idade de 5 anos, sendo 2 no matutino e 2 no vespertino, atendendo aproximadamente 91 crianças ao todo. Já no 1º Ano do Ensino Fundamental, possui 4 salas, sendo 2 salas por turno, compreendendo um total de 112 alunos. As observações desses espaços nos permitiram verificar a rotina do cotidiano escolar. Através do diário de campo foi possível registrar os acontecimentos do dia a dia, a relação dos alunos com o espaço escolar, a relação professor aluno e as práticas dos professores.

Além de ser utilizado como instrumento reflexivo para o pesquisador, o gênero diário é, em geral, utilizado como forma de conhecer o vivido dos atores pesquisados, quando a problemática da pesquisa aponta para a apreensão dos significados que os atores sociais dão à situação vivida. O diário é um dispositivo na investigação, pelo seu caráter subjetivo, intimista. (MACEDO, 2010, p. 134).

Para esta pesquisa serão selecionados os registros que irão colaborar na construção deste estudo. Também baseou-se no levantamento de documentos oficiais relacionados ao tema.

Neste sentido, o texto foi organizado em três partes, além de introdução e referências bibliográficas, de forma que na primeira trata-se de um breve estudo sobre a infância relacionado a educação, no segundo momento, aborda a transição da Educação Infantil para o primeiro ano do Ensino Fundamental a partir dos referenciais teóricos, e no terceiro momento será uma análise sobre as observações e registros do diário de campo.

1. INFÂNCIA E EDUCAÇÃO

A primeira seção deste estudo tem como finalidade apresentar brevemente o conceito de infância e iniciar um entendimento sobre a importância da infância na vida da criança, atrelando o valor da família, das atividades relacionadas ao desenvolvimento e sua inserção ao ambiente escolar.

Segundo Kramer (2003), há uma grande diversidade de conceitos sobre a infância que confunde as pessoas. Para a autora, hoje existe uma enorme diversidade cultural, considerando que exista um tipo de infância para cada cultura e o seu significado pertence, portanto, ao modo de cada um conceber a vida. Dessa forma, a questão: “O que é Infância?” não tem uma resposta única e muito menos uniforme.

A concepção de infância é uma construção social, por isso “[...] modificam-se ao longo dos tempos e expressam aquilo que a sociedade entende em determinado momento histórico por criança, infância, educação, política de infância e instituição de Educação Infantil.” (KRAMER, 1999, p. 207).

A infância é uma fase de grande importância para a construção do sujeito, por isso é preciso ensinar as crianças e também aprender com elas. Não há como educá-las com ponderação e não se envolver, aprender com elas é uma consequência deste processo.

O conceito de infância é fruto de uma construção social, porém, percebe-se que sempre houve criança, mas nem sempre infância. São vários os tempos da infância, estes apresentam realidades e representações diversas, porque nossa sociedade foi constituindo-se de uma forma, em que ser criança começa a ganhar importância e suas necessidades estão sendo valorizadas, para que seu desenvolvimento seja da melhor forma possível, e que tudo aconteça no seu verdadeiro tempo. (AHMAD, 2009, p.1).

Neste sentido, observa-se a importância da família, pois é onde a criança inicia suas primeiras descobertas e contato com o mundo externo, se apropria de experiências de vida e adquire ferramentas para ter uma infância de verdade. “A infância é ao mesmo tempo objeto e sujeito em contínua construção e inacabamento. E para isso temos que considerar que as interações globais contribuem para um pensar a infância [...]” (SEABRA; SOUSA, 2010, p.54).

Assim, o professor precisa do apoio familiar, sozinho será mais difícil. Para as crianças não existe divisão de classes sociais, etnia, religião e preconceitos, criança é apenas

criança sem rótulos. É o modo que a criança é inserida na sociedade, que vai mostrando essas noções de valores, muitas vezes distorcidos.

Para Kramer (2003 p.19), em contextos em que não há garantias de direitos, acentuam-se a desigualdade e a injustiça social. Levando a criança a conviver e enfrentar situações que não condizem com seu nível de compreensão.

É importante que as crianças vivam a infância na sua totalidade. A rotina da criança está ligada ao brincar de maneira plena, pois para ela, a brincadeira é uma necessidade, é coisa séria, além de ser uma atividade fundamental para seu desenvolvimento.

Segundo Sarmento:

A infância é historicamente construída, a partir de um processo de longa duração que lhe atribuiu um estatuto social e que elaborou as bases ideológicas, normativas e referenciais do seu lugar na sociedade. Esse processo, para além de tenso e internamente contraditório, não se esgotou. [...] A geração da infância está, por consequência, num processo contínuo de mudança, não apenas pela entrada e saída dos seus actores concretos, mas por efeito conjugado das acções internas e externas dos factores que a constroem e das dimensões de que se compõe. (SARMENTO, 2005, p.365-366).

No ambiente escolar não é diferente, as atividades e brincadeiras estão mencionadas no Referencial Curricular. Segundo Brasil (1998), as brincadeiras e atividades envolvendo a fantasia e a imaginação são fundamentais para o desenvolvimento das crianças, principalmente na relação entre pessoas.

Quando a criança é inserida no espaço escolar, ou seja, na Educação Infantil, é importante que a escola introduza as brincadeiras. A brincadeira é fundamental para trabalhar o lúdico e iniciar a aprendizagem de forma prazerosa.

Para a criança, o brincar é a atividade principal do dia-a-dia. É importante porque dá a ela o poder de tomar decisões, expressar sentimentos e valores, conhecer a si, aos outros e o mundo, de repetir ações prazerosas, de partilhar, expressar sua individualidade e identidade por meio de diferentes linguagens, de usar o corpo, os sentidos, os movimentos, de solucionar problemas e criar. Ao brincar, a criança experimenta o poder de explorar o mundo dos objetos, das pessoas, da natureza e da cultura, para compreendê-lo e expressá-lo por meio de variadas linguagens. Mas é no plano da imaginação que o brincar se destaca pela mobilização dos significados. Enfim, sua importância se relaciona com a cultura da infância, que coloca a brincadeira como ferramenta para a criança se expressar, aprender e se desenvolver. (KISHIMOTO, 2010, p.01).

Através do brincar as crianças aprendem e socializam com mais facilidade, desenvolvendo seu aspecto intelectual, emocional, físico-motor, imprescindíveis em sua vida, sendo estes de suma importância para o desenvolvimento da criança, pois ela aprende regras, costumes, aspectos afetivos, exprimem sentimentos, questionam, enfim, tem prazer em aprender brincando.

O Ministério da Educação (MEC) lançou a Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009, que fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Este documento traz para o campo da Educação Infantil a relevância da infância nos processos pedagógicos. O documento garante o reconhecimento do direito da criança como um ser social. Percebe-se dessa forma, que a lei garante uma qualidade de vida às crianças, proporcionando uma infância brincante e traz em seu contexto a igualdade de direitos e aproveitamento de oportunidades de aprendizagens.

Para Zabalza (1998), há dez aspectos chave na Educação Infantil: 1. A organização dos espaços, no sentido de ele ser amplo, facilmente identificado pelas crianças, inclusive contendo opções para o acolhimento de grupos. 2. Equilíbrio entre iniciativa infantil e trabalho dirigido no momento de planejar e desenvolver as atividades, ou seja, a diretividade do mediador não deve substituir a iniciativa da criança. 3. Atenção privilegiada aos aspectos emocionais, ao mesmo tempo que tem atividades de importância no currículo que devem ser planejadas e executadas, a emoção leva boa parte de atenção dos educadores por ser a plataforma onde se baseia todo o resto da Educação Infantil. 4. Utilização de uma linguagem enriquecida, estimular a imaginação e a fantasia, assim a criança pode ter mais confiança para seu prazer, autonomia e visão da realidade. 5. Diferenciação de atividades para abordar todas as dimensões do desenvolvimento e todas as capacidades, com o reconhecimento das emoções pela criança ela passa a ter mais controle sobre elas, neste aspecto observa-se que, a capacidade neurológica, intelectual e emocional é interligada.

Em geral, sobre o aspecto 6. Rotinas estáveis: observa-se que o espaço e o ambiente em que os alunos da Educação Infantil ocupam, falta planejamento no sentido que, este espaço muitas vezes não é adequado e nem pensado. 7. Materiais diversificados e polivalentes: Explorar o ambiente e possibilitar materiais diversificados que favoreça o desenvolvimento da criança. Porém, no aspecto 8. Atenção individualizada a cada criança, observa-se que durante este processo de aprendizagem, um dos fatores primordiais é dar autonomia a criança no sentido de que esta sinta vontade de participar das atividades e se relacionar com o ambiente, proporcionando momentos de escutas e valoração das capacidades.

O ideal, segundo Zabalza (1998), no aspecto, 9. Sistemas de avaliação e anotações que permitam o acompanhamento global do grupo e de cada uma das crianças, avaliar e planejar as atividades com o objetivo de ajuda-los a superar as dificuldades. 10. Trabalho com os pais e as mães e com o meio ambiente, neste sentido a participação dos mesmos neste espaço é importante para perceber a limitação do espaço escolar, e ao mesmo tempo contribuir com

suas experiências. Carvalho e Rubiano ressaltam que, “[...] o ambiente deve ser planejado, tanto em termos de espaço como de objetos disponíveis, para atender ambas as necessidades [...]” (CARVALHO; RUBIANO, 2010, p. 122), e facilitar para o professor e o aluno a realização de atividades que estão inseridas na rotina diária de sala de aula.

A entrada das crianças em instituições escolares pode possibilitar experiências que, muitas vezes serão completamente diferentes das vivenciadas em seu lar, onde as relações e ações com outros adultos e a socialização com diferentes crianças, fora do núcleo parentesco, será totalmente novo e desconhecido. Isto porque, essas crianças irão conviver com sujeitos variados.

De acordo com Kramer a Educação Infantil deve:

[...] propiciar o desenvolvimento infantil, considerando os conhecimentos e valores culturais que as crianças já tem e, progressivamente, garantindo a ampliação dos conhecimentos, de forma a possibilitar a construção de autonomia, cooperação, criticidade, criatividade, responsabilidade, e a formação do auto conceito positivo, contribuindo, portanto, para a formação da cidadania. (KRAMER, 2003, p. 49).

Para Kramer (2003, p. 21), sem conhecer as interações, não há como educar crianças e jovens numa perspectiva de humanização necessária para subsidiar políticas e práticas educativas. Os significados de infância se constroem socialmente, mostrando que esses nem sempre foram os mesmos e as transformações ocorrem e ocorreram pelas modificações culturais e mudanças na sociedade.

O período de adaptação das crianças que nunca frequentaram uma instituição de ensino, onde relações, regras e limites são diferentes daqueles do espaço doméstico a que ela está acostumada, causa um certo desconforto e desconfiança nesse primeiro contato. Portanto é necessário um bom planejamento do professor, a organização do ambiente e também levar em “[...] consideração os gostos e preferências das crianças, repensando a rotina em função de sua chegada e oferecendo-lhes atividades atrativas”. (BRASIL, 1998, p.82).

Há, de fato, grande esforço por parte da criança que chega e que está conhecendo o ambiente da Instituição de Educação Infantil, mas, ao contrário do que o termo sugere, não depende exclusivamente dela adaptar-se, ou não, à nova situação. Depende também da forma como é acolhida. Ortiz (2012).

É aí que as escolas precisam repensar seu currículo, sua forma de agir e refletir sobre os espaços escolares constituídos e principalmente ter um olhar diferenciado para essas crianças, respeitando seu tempo e sua infância, pois muitas são suas inquietudes nesse processo. Para Kramer (2003), refletir sobre a infância em sua pluralidade dentro da escola é,

também, pensar nos espaços que têm sido destinados para que a criança possa viver esse tempo de vida com todos os direitos e deveres assegurados.

É preciso que os educadores e gestores compreendam, quais seus objetivos e quais os aspectos tem orientado sua prática pedagógica. Faz-se necessário então, uma observação minuciosa de como essas crianças que entram na Educação Infantil e aquelas que migram para o Ensino Fundamental ainda no período que compreende a infância, estão sendo tratadas. Tudo isso é um processo novo na vida de ambas e a escola deve fazer o exercício de trabalhar e contemplar essa infância em toda sua dimensão. Pensando assim, na dimensão afetiva, cognitiva, social e psicológica.

A partir deste estudo entende-se a importância de trabalhar atividades lúdicas, relacionadas ao desenvolvimento da criança e que contempla essa fase de construção do sujeito respeitando sua infância. A seguir apresenta-se um estudo sobre a organização do ambiente escolar das crianças da Educação Infantil e como ocorre essa transição para o Ensino Fundamental I.

2. TRANSIÇÃO DAS CRIANÇAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA O ENSINO FUNDAMENTAL

O que muda na mudança, se tudo em volta é uma dança
no trajeto da esperança, junto ao que nunca se alcança?
(ANDRADE, 1987, s/p.).

Drummond traz nestas linhas de sua poesia, a mudança que é uma dança e a criança com a esperança que tem, traz uma vontade e uma curiosidade inata em seu contexto de ser criança.

Esta seção irá abordar a transição das crianças da Educação Infantil para o Ensino Fundamental, um estudo a partir das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Básica e referenciais teóricos que abordam as questões sobre espaço escolar, rotinas e a importância do brincar nesta transição.

A partir da década de 1990, grandes são os avanços na área da educação, onde se institui o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e, para amparar a Educação Infantil, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – (LDBEN), 9394/1996, que estabelece esta etapa da vida como fundamental no processo de desenvolvimento, em seu Artigo 29:

A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físicos, psicológicos, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. (BRASIL, 1996, p. 12).

Podem-se destacar algumas inovações também neste período de grandes lutas para as conquistas que atualmente tem na área da educação, como: atendimento a pessoas com necessidades especiais, Educação de Jovens e Adultos (EJA), Educação Indígena, todos amparados pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9394/1996. Não deixando de citar a mais recente atualização ocorrida na LDBEN, que é a Lei nº 12.796, de 4 de abril de 2013, que traz a obrigatoriedade da criança na pré-escola a partir dos 4 (quatro) anos de idade.

Atualmente, a partir de 4 (quatro) anos de idade, por lei, a criança é, obrigatoriamente, inserida no ambiente escolar, tendo como base o Artigo 4º da LDBEN, inciso I da Lei nº 12.796, de 2013, que estabelece “[...] educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezessete) anos de idade.” (BRASIL, 2013, p. 1).

Vale ressaltar que a partir da ampliação do ensino fundamental para nove anos, em que, é obrigatório a matrícula das crianças de 06 (seis) anos de idade no Ensino Fundamental, a partir da Lei nº 11.114/2005, atendendo também ao disposto da Lei nº 12.274/2006, significa a inserção de crianças mais novas nas escolas de Ensino Fundamental. Sendo assim, exigem-se novos direcionamentos para as metodologias trabalhadas neste ambiente escolar.

É importante que os alunos iniciam suas atividades escolares em um espaço em que ele se sintá inserido. Segundo Vieira:

O espaço escolar educa também na composição da arquitetura interna e externa, a qual está relacionada ao currículo. Educa pelo simples fato de que, no interior do espaço-escolar, a linguagem, que, por vezes, se estabelece entre as professoras, as crianças e a arquitetura, é uma linguagem de ordem, disciplina, disputa e poder sobre o corpo. (VIEIRA, 2006, p.45).

Portanto, imagina-se que a maioria das escolas de Educação Infantil tem a preocupação em preparar o espaço físico, para recepcionar as crianças, que em sua grande maioria nunca frequentaram um ambiente escolar.

Para pensar na organização do espaço na educação infantil é essencial pensar nas crianças e em como aprendem e como o utilizam. Assim para a definição, planejamento e organização desse espaço, em busca da qualidade, a criança é imprescindível não só por ser o foco da ação do professor, mas também pelo fato dessa organização relacionar-se diretamente com a sua aprendizagem e desenvolvimento. (MATOS, 2015, p. 11047)

O espaço escolar é muito importante, pois é nele que os alunos vão desenvolver suas atividades, neste sentido, o professor ao planejar suas aulas também leva em consideração o espaço disponível para propor as atividades lúdicas. Observa-se que, o espaço escolar está vinculado com a proposta pedagógica e o professor torna-se o mediador entre organizar o ambiente e realizar as atividades.

Porém quando o aluno completa 06 (seis) anos de idade, provavelmente passa por uma mudança de sala e até mesmo de instituição de Ensino, e neste momento o espaço escolar não é considerado um fator fundamental na proposta pedagógica. Passar da Educação Infantil, para o Ensino Fundamental, exige uma reflexão significativa por parte da equipe pedagógica, para que assim a criança seja de fato considerada e pensada nessas duas etapas de sua vida.

Muitos profissionais compreendem que, na Educação Infantil a criança é considerada criança, pois brinca e se desenvolve por meio do lúdico e que no Ensino Fundamental passa a ser considerado aluno, onde os gestos, as brincadeiras, a dança, são deixadas de lado em nome da disciplina. Há nesse momento, a ruptura entre o profano – a liberdade do movimento, da criatividade, e o sagrado – o corpo dócil e passivo. Furlan; Mesquida (2011, s/p).

Essa transição de uma etapa para outra, envolve diversos fatores que devem ser abordados, pois a criança está em processo de desenvolvimento e a Educação Infantil tem em seus princípios e diretrizes a brincadeira como parte fundamental desse desenvolvimento, sendo assim, quando passam para os anos iniciais do Ensino Fundamental, as crianças ainda não estão de fato, preparadas para as etapas seguintes da educação. Isso pode levar algum tempo e precisa ser respeitado.

A Educação Infantil e o Ensino Fundamental são frequentemente separados. Mas, para a criança, não há essa fragmentação, são os adultos e as instituições que muitas vezes por não pensar nesses fatores que os envolve, deixa de fora o que seria capaz de articulá-los.

O lúdico, dentro desse contexto de transição é muito importante. Na Educação Infantil, o brincar e as brincadeiras estão presentes nas rotinas, porém quando o aluno inicia no Ensino Fundamental, os conteúdos são trabalhados sem contemplar o brincar.

As brincadeiras devem preservar o seu lado espontâneo, entretanto, também podem ser orientadas para fins didáticos como a aquisição de conceitos, códigos sociais e diferentes linguagens. No entanto, essas formas não devem ser confundidas, pois é necessário que se brinque livremente para que se exerça suas capacidades de imaginação e criação. A garantia na instituição do espaço para a ludicidade permite à criança estimular sua criatividade e sua cognição por meio da resolução de problemas que lhe são significativos, na compreensão singular sobre diversos conhecimentos, pessoas e sentimentos. (ARCE, 2013, p. 25)

Observa-se que, a Educação Infantil contempla em seu currículo, oportunidades de interação entre as crianças através de dinâmicas de grupo e tempo livre para brincarem, valorizando atividades nas diversas áreas: verbal, corporal, plástica, musical, e etc. Já no Ensino Fundamental, a criança caracteriza-se ainda pelo importante papel que as atividades lúdicas têm em seu processo de desenvolvimento, e pela necessidade de interagir com as pessoas e com o mundo através de múltiplas formas de linguagem. Porém, a organização da rotina da escola com o aluno, fica mais focada na linguagem verbal e o objetivo de alfabetizar passa a ser o centro de toda aprendizagem.

O brinquedo, ocupa pouco espaço nas estratégias pedagógicas, onde o silêncio e a disciplina são componentes fundamentais, neste contexto “[...] um corpo disciplinado é a base de um gesto eficiente [...]” (FOUCAULT, 2008, p. 130). A maioria das crianças tem uma grande expectativa em relação à entrada no primeiro ano do Ensino Fundamental, demonstrando alegria e ao mesmo tempo, grande expectativa. Porém a criança passa a ter outras responsabilidades e compromissos, o que podem gerar sentimentos de medo, insegurança e frustração. Principalmente ao lidar com tantas regras e tarefas a serem cumpridas. Concorde-se com Foucault quando o mesmo afirma que, “Não são apenas os

prisioneiros que são tratados como crianças, mas as crianças como prisioneiras. As crianças sofrem uma infantilização que não é delas. Nesse sentido, é verdade que as escolas se parecem um pouco com as prisões.” (FOUCAULT, 1985, p.72).

Ao ingressar no Ensino Fundamental, as mudanças vêm através de diversos fatores, sendo alguns destes: o aprender a lidar com um novo ambiente e regras estabelecidas, relacionar-se com adultos ainda desconhecidos, conquistar aceitação em um novo grupo e enfrentar tarefas escolares desafiadoras.

O Ensino Fundamental caracteriza-se por ser um espaço mais formal do que o da Educação Infantil, preocupando-se em preencher a maior parte do tempo das crianças, com atividades dirigidas, de caráter pedagógico. As dinâmicas são individualizadas, centralizadas no professor, que muitas vezes, foca a escrita através de exercícios mecânicos e cópias. Momento que expressa uma determinada pressa pela alfabetização, não considerando que algumas crianças, precisam de um tempo maior para corresponder esse processo de alfabetização.

Ocorrem inúmeras mudanças simultaneamente, nas relações interpessoais, que nessa etapa elas precisam negociar interações, não apenas com crianças da mesma idade, mas também com crianças maiores, quando se deparam com uma extensa agenda de novas habilidades a serem desenvolvidas e conhecimentos a serem dominados. Tudo isso aguçar sua curiosidade, ao mesmo tempo em que pode aumentar a insegurança e até causar medo e frustração.

A criança ainda não tem clareza sobre essa mudança de fase na sua vida escolar e esse processo de aprendizagem pode gerar estranheza, porém esta nova e intrigante fase que começa na vida dela, ao ingressar no Ensino Fundamental, faz com que se torne protagonista de seu aprendizado, construindo sua autonomia, e sua identidade enquanto sujeito histórico.

Dessa forma, a ampliação do Ensino Fundamental para nove anos significa uma possibilidade de qualificação do ensino e da aprendizagem da alfabetização e letramento, pois a criança terá mais tempo para se apropriar desses conteúdos. No entanto, o ensino nesse primeiro ano não deverá se reduzir a aprendizagens estereotipadas. É importante um trabalho pedagógico que respeite as infâncias, que assegure o estudo das diversas expressões em todas as áreas do conhecimento, proporcionando um contexto diversificado no lúdico, e nas disciplinas que estão contempladas no currículo do 1º ano do Ensino Fundamental.

3. OBSERVAÇÕES A PARTIR DO DIÁRIO DE CAMPO

Nesta seção contempla a análise das observações contidas no diário de campo, realizadas durante as disciplinas de Estágio Supervisionado da Educação Infantil e do Ensino Fundamental I, do Curso de Pedagogia do Instituto de Ciências Humanas do Pontal, durante o primeiro e segundo semestre de 2018.

As observações abordadas nesta pesquisa foram realizadas na escola Municipal Primavera¹ no município de Ituiutaba – MG. Para este estudo, utilizou-se as observações com alunos de 4 e 5 anos de idade, nas salas da Educação Infantil, e com os alunos de 1º ano do Ensino Fundamental nos períodos matutino e vespertino.

A Educação Infantil adquiriu nova dimensão, com a implantação do Ensino Fundamental de nove anos, com as crianças chegando à escola cada vez mais cedo e também se alfabetizando. O Estágio de Educação Infantil ofereceu a oportunidade de um primeiro contato na sala de aula. É um momento de muita expectativa, pois há um mundo a ser observado e descoberto.

3.1. Estrutura Física da escola e da sala de aula

Ao adentrar à escola, percebe-se que esta traz uma demarcação de seus espaços, desde a entrada até o espaço da sala de aula. A estrutura física da escola não foi pensada para atrair, mas controlar e vigiar. Cercada por muros altos, cerca elétrica, portões de ferro que controla quem entra e quem sai, grades nas janelas e pouco espaço livre na escola para que as crianças possam aproveitar tanto as atividades dirigidas, como o brincar livre, até porque o pátio é usado por crianças de outras salas para atividades de ensaios, seja para festas das mães, juninas, projetos, além de reuniões de pais e outras apresentações. Porém observa-se que, a escola possui uma pintura bem colorida e no piso desenhos de amarelinhas.

A Educação Infantil não foi pensada, mas adaptada nesse ambiente escolar. As salas foram construídas sem qualquer planejamento do sistema escolar, devido à procura de vagas. Um depósito, almoxarifado, qualquer espaço vira sala para a Educação Infantil, porém os mobiliários são bem coloridos e adaptados à faixa etária das crianças, o que fica

¹ Nome fictício.

comprometido nesse espaço é o tamanho da sala e os materiais que impedem uma flexibilidade maior de movimentos tanto do professor, quanto do aluno.

Assim também são as salas de aula. Tão pequenas e tão cheias, tendo os alunos que dividi-la com as carteiras, materiais pedagógicos, brinquedos e armários, ficando assim menor o que já era, impossibilitando a exploração do espaço, privando as crianças de muitos movimentos.

Há somente uma sala de 4 anos nessa escola e a demanda é muito grande, e a sala muito cheia, sem uma ventilação adequada, pois o clima de nossa cidade é muito quente. As janelas são bem amplas, mas possuem grades, que segundo a professora é necessário para a segurança das crianças. As paredes sempre decoradas com um ambiente alfabetizador, como por exemplo: o Abecedário, as formas geométricas, os numerais, o calendário e painel dos aniversariantes, confeccionado pela professora regente desde o início do ano letivo. Esses materiais ficam expostos nas paredes da sala de aula e são utilizados na rotina diária durante todo o ano. Segundo Carvalho e Rubiano “Sentir-se segura e confiante são aspectos essenciais que permitem à criança explorar o ambiente; por sua vez, como já o dissemos, a exploração é crucial para o desenvolvimento motor, cognitivo e emocional.” (CARVALHO; RUBIANO, 2010, p.122). Nota-se, que esses materiais são usados diariamente nas aulas para reforçar ainda mais a rotina do que a aprendizagem propriamente dita.

É preciso criar um ambiente atrativo que possibilite que as crianças sejam estimuladas nas brincadeiras, no faz de conta, na interação criança-adulto e criança-criança, nas atividades dirigidas, sem tornar o ambiente visualmente poluído e desinteressante, pois isso pode acarretar perda significativa do interesse das crianças na aprendizagem.

Essa perda de estímulo, faz com que as crianças fiquem muito agitadas e inquietas e a professora tem que se desdobrar pra atender os alunos e acaba ditando um ritmo na sala, cada vez mais acelerado e com isso, chega a alterar a voz na maior parte do tempo pedindo silêncio e concentração das crianças nas atividades. Assim, Carvalho e Rubiano enfatizam que:

[...] é necessário salientar que os comportamentos infantis são influenciados pelo ambiente fornecidos pelos adultos de acordo com seus objetivos pessoais, construídos com base em suas expectativas culturais relativas aos comportamentos e desenvolvimento infantis. (CARVALHO; RUBIANO, 2010, p.127).

É preciso salientar que no planejamento da Educação Infantil, as crianças possuem um horário para o brincar livre nas sextas-feiras e duas vezes na semana elas vão para o parque. Os professores consideram a importância desses momentos, eles só não acontecem quando há alguma eventualidade. Quando os momentos do brincar são interrompidos, nota-se o desapontamento delas dentro de sala e fica evidente como se

distraem com as tarefas dirigidas, principalmente pelo fato de ficarem mais tempo na sala. Os alunos brincam com os materiais escolares e mesmo em atividades corriqueiras no dia a dia, elas se dispersam com facilidade, pois o brincar é um momento muito necessário e que precisa ser respeitado por todos.

Porém as crianças, já nessa etapa, vivem um processo de docilização dos corpos, no entanto, ainda não tiveram suas mentes domadas, por isso movimentam-se, gesticulam e brincam com os objetos e em alguns momentos na sala de aula os lápis viram aviõezinhos. Nós ainda não aprisionamos sua imaginação. Segundo Kishimoto “O brinquedo aparece como pedaço de cultura colocado ao alcance da criança. É seu parceiro na brincadeira. A manipulação do brinquedo leva a criança à ação e à representação, a agir e a imaginar”. (KISHIMOTO, 2011, p. 75). Daí Justifica valorizar e respeitar o momento da infância.

Em Vigiar e Punir, Foucault (2008), nos diz que os colégios são instituições disciplinares a semelhança de hospitais, presídios e quartéis. Segundo o autor, tudo nas escolas é pensado para impor a disciplina, docilizar os corpos, desde os rígidos horários a organização dos espaços. Cada movimento do corpo deve ser útil.

3.2. A rotina dentro da escola e na sala de aula

Tudo se constrói por fragmentos. [...] Um gesto inacabado não finda. Um gesto gesta. Depois do parto, outras formas continuam a reivindicar espaços inéditos para os seus contornos de movimento. Por menor que seja o intervalo entre a intenção e a realização, é ali que a criação tem lugar. (SALLES, 2013, p.19).

Dentro da escola há uma rotina a ser seguida por todos, sejam alunos, pais, funcionários e toda comunidade escolar. Tudo é pensado para garantir o controle, as filas para entrar na sala e sair dela, carteiras enfileiradas, avaliações, horários, são também formas de controlar os indivíduos.

Na sala de aula também não é diferente. Existe um planejamento baseado em listagem de atividades, onde a rotina se faz presente. A professora segue fielmente uma rotina que contempla: oração, música para abrir a roda, para concentrar, atividades mnemônicas. Para Tragtenberg “Não há dúvida que a escola, em qualquer sociedade, tende a renovar-se e ampliar seu âmbito de ação, reproduzir as condições de existência social formando pessoas aptas a ocupar os lugares que a estrutura social oferece”. (TRAGTENBERG, 2010, p. 15).

Apesar de seguirem uma rotina rígida, as crianças da Educação Infantil têm momentos lúdicos. Duas vezes durante a semana elas brincam no parque e na sexta é o dia do

brinquedo que acontece no último horário. A psicomotricidade, pintura, colagem, recorte, ou alguma outra atividade que acontece no pátio da escola, são atividades dirigidas.

Sabe-se que, ter uma rotina é importante para o bom andamento da aula, mas deixar que essa rotina engesse o planejamento, faz com que a autonomia, a democracia e a criatividade das crianças fiquem prejudicadas. De acordo com Ostetto (2000), há vários tipos de planejamento e o que se evidencia mais na sala de aula são os baseados em listagens e datas comemorativas. Dentro do Planejamento Anual da escola está contemplado trabalhar as datas comemorativas.

Nesse caso, fica a organização dessas datas direcionadas pelo calendário. Algumas atividades são escolhidas para trabalhar durante o ano letivo como: o carnaval, o dia do livro, do índio, o dia das mães, entre outras. Vale ressaltar que, é importante o educador escolher as atividades a serem desenvolvidas de forma que contemple as necessidades das crianças, e que esta se dê de forma reflexiva e sempre voltada à realidade que os cerca. Assim, a ação educativa será pertinente, de qualidade e não será monótona.

3.3. Iniciando o Ensino Fundamental

A análise desse tópico traz uma reflexão acerca dos desafios enfrentados pelas crianças, suas expectativas e ansiedades frente essa mudança no Ensino Fundamental.

Na Educação Infantil observou-se que a infância tem que ser respeitada e que é preciso levar em conta vários fatores nesse processo: o acolhimento, o brincar, a autonomia, as atividades atrativas, a interação e socialização, entre outros. No Ensino Fundamental, não pode ser diferente. Mas o que ocorre é uma mudança brusca.

A criança se vê envolta num mundo de atividades dirigidas, com cobrança cada vez maior, seja na postura ao sentar, nas atividades propostas de leitura e escrita, no cumprimento de horários e um emaranhado de regras a seguir. E a infância? Tudo isso foi retirado ou deixado de lado com qual propósito? De acordo com Moyzès e Mota “Como vemos a socialização é um processo de formação do indivíduo que se estende por toda a história de vida, incluindo suas rupturas e continuidade”. (MOYZÉS; MOTA, s/d, p. 3).

Nesse estágio percebe-se como a infância neste período é desrespeitada. As crianças tem muitas responsabilidades e o brincar raramente acontece. Os brinquedos e o brincar livre ocupam um espaço cada vez menor na agenda escolar e vão sendo substituídos por livros,

apostilas, avaliações mensais e tarefas cada vez mais elaboradas, exigindo delas uma permanência maior em sala de aula.

Recorrendo a estudos de ludicidade, Corsaro cita que:

[...] brincar é uma atividade aprendida na cultura que possibilita que as crianças se constituam como sujeitos em um ambiente em contínua mudança, onde ocorre constante recriação de significados, condição para construção por elas de uma cultura de pares, conjunto relativamente estável de rotinas, artefatos, valores, e interesses que as crianças produzem e, partilham na interação com companheiros de idade. Ao brincar com eles, as crianças produzem ações em contextos sócio-histórico-culturais concretos que asseguram a seus integrantes, não só um conhecimento comum, mas a segurança de pertencer a um grupo e partilhar da identidade que o mesmo confere a seus membros. (CORSARO, 2009, p.23).

As crianças vão pro parque uma vez na semana, enquanto o dia do brincar livre acontece somente nas sextas-feiras. Isso quando elas não têm esse direito ameaçado ou negado pelo professor por algum motivo, seja conversa ou uma atividade em atraso, deixando-os em sala como “castigo”, além de aumentar-lhes as atividades.

Pude observar de perto esse ocorrido em um dia no estágio. As crianças não desceram pro parque porque ao término do recreio, ao subirem pra sala, não obedeceram a professora quando esta pediu silêncio e organização na formação da fila, ocorrendo desentendimentos e empurra-empurra entre os alunos. Ela ficou furiosa com a turma e deixou-os sem parque, continuando as atividades da apostila na sala. Foi uma atitude muito desagradável e as crianças ficaram muito tristes e decepcionadas. Segundo Furlan e Mesquida:

Os castigos, as privações e as humilhações são objeto de punição corretiva. Portanto, se o ato de punir corrige um comportamento ele tende a tornar as pessoas iguais, pois faz uso de um modelo que é considerado “correto”. Poderíamos dizer que é uma forma de interditar ou docilizar o corpo do outro, na medida em que só é permitido se expressar dentro de padrões já estabelecidos e dados como legítimos [...]. (FURLAN; MESQUIDA, 2011, p. 2399).

Vimos aqui que o brincar no parque e o brincar livre, que na Educação Infantil aconteciam duas vezes por semana, agora foram reduzidos, acontecendo somente uma vez na semana, isso quando não é tirado das crianças como forma de punição.

As crianças ficam ansiosamente esperando pelo dia do parque e o dia de brincar. Algumas insistem em lembrar ao professor que “tal dia” é o dia do parquinho ou do brinquedo. Outra atividade muito aguardada por elas é o momento da Educação Física. Este momento as crianças se transformam. Como pássaros soltos da gaiola, elas alçam voos. Num gesto de alívio e expressão de liberdade, largam as atividades e saem ligeiramente da sala.

Os alunos querem aproveitar o máximo de tempo nesse horário para correr, pular, conversar, contar histórias e sempre em ordem de tamanho, na fila seguem rumo a quadra,

num compasso vibrante e cheias de euforia. Moyzés e Mota (s/d, p.6), explicam que, “O corpo está presente na aprendizagem que cria recursos para preservar a saúde do educando, valendo-se na maioria das vezes, do esquecimento, aliviando assim a carga mental dos fragmentos de que é obrigado a carregar”. (MOYZÉS; MOTA, s/a, p.6).

Muitas vezes a rotina imposta é bem exaustiva, e as crianças não vêem sentido em tudo isso, o que acaba causando um mal-estar em sala de aula, ocasionando um estado de apatia e desinteresse, o que faz com que o professor sinta necessidade de aumentar a cobrança sobre elas.

Por isso é importante que esse processo de transição seja visto com cuidado por parte da equipe pedagógica, para que transtornos como esses possam ser evitados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se que, às observações e experiências vivenciadas neste processo de registro no diário de campo, constituiu-se num momento importante para a formação, não só por dar a possibilidade de conciliar a teoria à prática no espaço escolar, bem como também, observar o trabalho docente nessa etapa da educação e permitir compreender os aspectos da aprendizagem das crianças que estão vivenciando essa transição ao saírem da Educação Infantil e irem para o Ensino Fundamental I.

Ressalta-se que, foi possível observar mais atentamente as necessidades de um todo, e também possibilitou articular a teoria com a prática docente e fazer uma reflexão acerca da realidade observada e das teorias estudadas.

Fica nítido ao longo da pesquisa, o papel desafiador em que a comunidade escolar principalmente os professores precisam exercer. Observou-se a importância do espaço físico, a organização do ambiente e as atividades lúdicas, pois interferem diretamente na aprendizagem dos alunos. “Nessa etapa deve-se assumir o cuidado e a educação, valorizando a aprendizagem para a conquista da cultura da vida, por meio de atividades lúdicas em situações de aprendizagem, formulando proposta pedagógica [...]” (BRASIL, 2013, p.37).

Assim, contemplou a proposta deste estudo que é entender como a escola está se organizando para proporcionar esta aprendizagem sem grandes impactos e rupturas das atividades lúdicas. Os resultados da pesquisa apontam que desde a Educação Infantil, ainda se faz necessário muitas mudanças, mas compreende-se que, quando é finalizado este ciclo, inicia-se o Ensino Fundamental e assim, começa uma nova etapa com desafios ainda maiores.

Os desafios começam a partir do ambiente escolar em que a criança está inserida, principalmente quando inicia o 1º ano do Ensino Fundamental, não havendo tanta preocupação na organização pedagógica escolar em criar um ambiente acolhedor junto aos alunos para que eles se sintam parte daquele espaço. O sistema desconsidera esse espaço e o momento lúdico espontâneo, onde a criança possa soltar sua imaginação e experimentar novas descobertas, fantasias, medos, explorando tudo a sua volta.

O lúdico é essencial na infância, pois ele auxilia no processo de ensino-aprendizagem, principalmente nesse momento que a criança passa por essa transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental, onde muitas vezes o brincar livre é ignorado no planejamento ou mesmo nas práticas dos professores e, ora são reduzidos como atividades. Como foi

mencionado neste estudo, a preocupação em conseguir cumprir o planejamento é o objetivo central nesta fase, tanto por parte dos docentes como também da equipe pedagógica, ficando assim, muitas vezes, o lúdico esquecido. É neste momento que há uma perda significativa da infância, e os conteúdos passam a ocupar o lugar dos brinquedos e brincadeiras causando então uma ruptura nesse processo.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Corpo**. 10ª ed, Rio de Janeiro: Record, 1987.
- ARCE, Alessandra. O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil e o Espontaneísmo. In: ARCE, Alessandra; Martins, Lígia Márcia (orgs). **Quem tem medo de ensinar educação infantil**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2013, p. 13-38.
- AHMAD. Laila Azize Souto, Um breve Histórico da Infância e da Instituição de Educação Infantil. **Partes**: a sua revista virtual. São Paulo, 20 jun.2009. V.00. Junho/2009. Disponível em: <<http://www.partes.com.br/2009/06/20/um-breve-historico-da-infancia-e-da-instituicao-de-educacao-infantil/>>. Acesso em: 20 abr. 2019.
- BRASIL. Ministério da Educação. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**. Poder Executivo, Brasília, DF, 20 dez. 1996. Disponível em: <<http://www2.planalto.gov.br/>>. Acesso em: 14 abr. 2019.
- _____. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998 (v. I, II, III).
- _____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil (RCNEI)**. Brasília: MEC/SEF, 1998. V.: 1.
- BRASIL, Ministério da Educação: Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.
- CARVALHO, M. I. C. de; RUBIANO. M. R. B. Organização do espaço em instituições pré-escolares. In: Oliveira, Zilma Moraes Ramos de (Org.). **Educação Infantil: muitos olhares**. São Paulo: Cortez, 2010. p.116-142.
- CORSARO, William. Reprodução interpretativa e cultura de pares. In: MULLER, Fernanda; CARVALHO, Ana Maria Almeida (Orgs). **Teoria e prática na pesquisa com crianças: diálogos com William Corsaro**. São Paulo: Cortez, 2009, p.23.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 5ª ed. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- _____. **Vigiar e Punir**. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 2008.
- FURLAN, Mirian Brighente. MESQUIDA, Peri. Michel Foucault: corpos dóceis e disciplinados nas instituições escolares. In: Congresso Nacional de Educação (EDUCERE), X, Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação (SIRSSE), I, de 7 a 10 nov. 2011, Curitiba. **Anais...** Curitiba, 2011. 14p. Disponível em: <https://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/4342_2638.pdf> Acesso em: 24 abr. 2019.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Brinquedos e brincadeiras na Educação infantil**. ANAIS DO I SEMINÁRIO NACIONAL: currículo em movimento – Perspectivas Atuais. Belo Horizonte, nov. 2010. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2010-pdf/7155-2-3-brinquedos-brincadeiras-tizuko-morchida/file>> Acesso em: 02 maio 2019.

_____. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. (Org.). 14ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

KRAMER, Sônia. **Infância e produção cultural**. Campinas: Papirus, 1999.

KRAMER, S. **Infância, educação e direitos humanos**. São Paulo: Cortez, 2003.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Etnopesquisa crítica, etnopesquisa-formação**. 2ª ed. Brasília: Liber Livro, 2010. ISBN: 85-98843-27-X.

MATOS, Juliana Mendes de. A organização do espaço da educação infantil: a perspectiva das crianças. Grupo de Trabalho – Educação Infantil. In: Congresso Nacional de Educação (EDUCARE), XII, Seminário Internacional sobre Profissionalização Docente (SIPD-CÁTEDRA UNESCO), V, de 26 a 29 out. 2015. Curitiba. **Anais...** Curitiba, 2015. 17p. Disponível em: <https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/21037_10391.pdf> Acesso em: 12 maio 2019.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2007.

MOYZÉS, M.H.F; MOTA, M.V.S. **O despertar da Consciência Corporal do Professor**. Grupo de trabalho (GT) – Formação de Professores GT8. 27ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (Anped). Rio de Janeiro, 2004.

ORTIZ, C. Adaptação e acolhimento: um cuidado inerente ao projeto educativo da instituição e um indicador de qualidade do serviço prestado pela instituição. **Revista Nova Escola**. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/gestao-escolar/acolhida-cisele-ortiz.pdf>>. Acesso em: 20 de abr. 2019.

OSTETTO, Luciana E. (Org.). **Encontros e encantamentos na educação infantil: partilhando experiências de estágios**. 6ª ed. Campinas, Papirus. 2000. (Papirus Educação).

SALLES, Cecília Almeida. **Gesto inacabado: processo de criação artística**. 6ª ed. São Paulo: Intermeios, 2013.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. **Educação & Sociedade: revista de Ciência da Educação**. Campinas, v. 26, n. 91, p. 361-378, maio/ago., 2005.

SEABRA, Karla; SOUSA, Sandra. **Educação Infantil**. Volume único. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2010.

TRAGTENBERG, Maurício. Relações de poder na escola. In: Oliveira, Dalila Andrade; Rosar, Maria de Fátima Felix, **Política e Gestão da Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. P.13-18.

VIEIRA, Analúcia de Moraes; GARRIDO, Elsa. **Currículo e arquitetura escolar: olhares cruzados na educação infantil**. 2006. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

ZABALZA, M. A. **Qualidade em educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 1998. P. 49-61.